

Cruz e ressurreição no trabalho

«Queres de verdade ser santo? – Cumpre o pequeno dever de cada momento: faz o que deves e está no que fazes». Assim resumia São Josemaria o caminho que se deve seguir para santificar o trabalho diário. Reproduzimos um novo artigo da série sobre o trabalho.

18/04/2022

Com a luz recebida de Deus, São Josemaria compreendeu profundamente o sentido do trabalho

na vida do cristão, chamado a identificar-se com Cristo no meio do mundo. Os anos de Jesus em Nazaré se lhe apresentavam cheios de significado ao considerar que, em suas mãos, «o trabalho, e um trabalho profissional semelhante àquele que desenvolvem milhões de homens no mundo, converte-se em tarefa divina, em trabalho redentor, em caminho de salvação»^[1].

A consciência de que o cristão, pelo Batismo, é filho de Deus e partícipe do sacerdócio de Jesus Cristo levava-o a contemplar no trabalho de Jesus o modelo da nossa tarefa profissional. Um modelo vivo que se há de plasmar em nós, não simplesmente um exemplo que se imita. Mais do que trabalhar como Cristo, o cristão está chamado a trabalhar em Cristo, unido vitalmente a Ele.

Portanto, nos interessa contemplar com muita atenção a ocupação do Senhor em Nazaré. Não basta um olhar superficial. É preciso considerar a união de sua tarefa diária com a entrega da sua vida na Cruz e com a sua Ressurreição e Ascensão aos Céus, porque só assim poderemos descobrir que seu trabalho – e o nosso, na medida em que estamos unidos a Ele – é redentor e santificador.

Em Nazaré e no Calvário

O homem foi criado para amar a Deus, e o amor se manifesta no cumprimento da sua Vontade, com obediência de filhos. Mas o homem desobedeceu desde o início, e pela desobediência entraram a dor e a morte no mundo. O Filho de Deus assumiu a nossa natureza para reparar pelo pecado, obedecendo perfeitamente à Vontade divina com sua vontade humana. *Pois como pela*

desobediência de um só homem todos foram constituídos pecadores, assim também pela obediência de um só todos serão constituídos justos (Rom 5, 19).

O Sacrifício do Calvário é a culminação da obediência de Cristo ao Pai: *fez-se obediente até a morte, e morte de cruz* (Fil 2, 8). Ao aceitar livremente a dor e a morte, o que há de mais contrário ao desejo natural da vontade humana, Cristo manifestou de modo supremo que não veio para fazer a Sua vontade, mas sim a Vontade dAquele que O enviou (cf. Jo 6, 38; Lc 22, 42). Mas a entrega do Senhor na sua Paixão e morte de Cruz não é um ato isolado de obediência por Amor. É a expressão suprema de uma obediência plena e absoluta, que esteve presente ao longo de toda a sua vida, com manifestações diversas em cada momento: *Eis que venho*

para fazer, ó Deus, a tua Vontade!
(Heb 10, 7; Sal 40 8-9).

Aos doze anos, quando Maria e José o encontram entre os doutores no Templo depois de três dias de busca, Jesus lhes responde: *Não sabíeis que é necessário que eu esteja nas coisas de meu Pai* (Lc 2, 49)? O Evangelho não volta a dizer mais nada da sua vida oculta, salvo que obedecia a José e a Maria – *era-lhes submisso* (Lc 2, 51) – e que trabalhava: *era o carpinteiro* (cf. Mc 6, 3; cf. Mt 13, 55).

No entanto, as palavras de Jesus no Templo iluminam os anos de Nazaré. Indicam que, quando obedecia a seus pais e quando trabalhava, estava *nas coisas de seu Pai*, cumpria a vontade divina. E assim como ao ficar no Templo não se recusou a sofrer durante três dias – três, como no Tríduo Pascal –, porque conhecia o sofrimento dos seus pais, que o procuravam aflitos, também não

recusou as dificuldades que trazia consigo o cumprimento do dever no trabalho e em toda a vida ordinária.

A obediência de Nazaré não era uma obediência menor, mas a mesma disposição interior que O levou a dar a vida no Calvário. Uma obediência com todas as energias humanas, uma identificação plena com a vontade divina em cada momento. No Calvário, Ele a manifestou derramando todo o seu Sangue; em Nazaré, entregando-o dia a dia, gota a gota, no trabalho de artesão que constrói instrumentos para o cultivo do campo e úteis para as casas.

«Era o *faber, filius Mariae*, o carpinteiro, filho de Maria (Mc 6, 3). E era Deus; e estava realizando a redenção do gênero humano; e estava a *atrair a si todas as coisas* (Jo 12, 32)»^[2]. Não é possível entender o valor redentor da vida de Jesus se a separamos da Cruz, se não

compreendemos que no trabalho ordinário cumpria perfeitamente a Vontade de Deus Pai, por Amor, com a disposição de consumir a sua obediência no Calvário.

Por isso mesmo, quando chega o momento supremo do Gólgota, o Senhor oferece toda a sua vida, também o trabalho de Nazaré: a Cruz é a última pedra da sua obediência. Como a chave de um arco numa catedral: aquela pedra que não só se apoia nas outras, mas também mantém com seu peso a coesão delas. Assim também o cumprimento da Vontade divina na vida ordinária de Jesus possui toda a força da obediência da Cruz; e, ao mesmo tempo, culmina nesta, sustenta-a, e por meio dela se eleva ao Pai em sacrifício redentor por todos os homens.

Cumprimento do dever

Se alguém quiser vir atrás de Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me (Lc 9, 23). Seguir a Cristo no trabalho diário é cumprir aí a Vontade divina com a mesma obediência de Cristo: *usque ad mortem*, até a morte (Fil 2, 8). Isso não significa só que o cristão deve estar disposto a morrer antes de pecar. É muito mais. Em cada momento tem de procurar morrer para a própria vontade, entregando o que há de próprio no seu querer para fazer própria a vontade de Deus.

Na sua vontade humana, Jesus tem como algo próprio as inclinações boas e retas da nossa natureza, e as oferece ao Pai no Horto das Oliveiras quando reza: *não se faça a minha vontade, mas a Tua* (Lc 22, 42). Em nós, no entanto, a vontade própria é também egoísmo, o amor desordenado a nós mesmos. Isso o Senhor não trazia dentro de si, mas tomou sobre os ombros na Cruz, para

nos redimir. Da nossa parte, com a graça, podemos oferecer a Deus a luta por amor contra o egoísmo que, sim, se aninha nos nossos corações. Para nos identificarmos com a Vontade divina, cada um tem que chegar a dizer, como São Paulo: *estou crucificado com Cristo* (Gal 2, 19). «É preciso dar-se de todo, é preciso negar-se de todo: o sacrifício tem que ser holocausto»^[3]. Não se trata de prescindir de ideias e projetos nobres, mas de ordená-los sempre ao cumprimento da Vontade de Deus. Ele quer que façamos render os talentos que nos concedeu. A obediência e o sacrifício da própria vontade no trabalho consistem em realizá-lo para a glória de Deus e para o serviço dos outros, não por vanglória e interesse próprio.

E como Deus quer que usemos os nossos talentos? O que temos de fazer para cumprir a sua Vontade no nosso trabalho? Podemos responder

à pergunta de maneira breve, desde que entendamos bem tudo o que a resposta implica: Deus quer que cumpramos nosso dever. «Queres de verdade ser santo? – Cumpre o pequeno dever de cada momento: faz o que deves e está no que fazes»^[4].

A Vontade de Deus se manifesta nos deveres da vida ordinária. Por sua natureza, o cumprimento do dever exige submeter a própria vontade ao que se deve fazer, e isso é constitutivo da obediência de um filho de Deus. É não tomar como norma suprema de conduta o próprio gosto, ou as inclinações, ou o que agrada, mas sim o que Deus quer: que cumpramos nossos deveres.

Quais? O próprio trabalho é um dever assinalado por Deus desde o princípio, e por isso devemos começar lutando contra a preguiça. Depois, esse dever geral se concretiza

para cada um na profissão que realiza – de acordo com a sua vocação profissional, que faz parte da vocação divina^[5] –, com obrigações específicas. Entre elas, as exigências gerais de moral profissional, fundamentais na vida cristã, e outras que derivam das circunstâncias de cada um.

O cumprimento desses deveres é a Vontade de Deus, porque Ele cria o homem para que este, trabalhando, aperfeiçoe a criação^[6], e isso supõe, no caso dos fiéis correntes, realizar as atividades temporais com perfeição, de acordo com as suas leis próprias, e para o bem das pessoas, da família e da sociedade: bem que se descobre com a razão e, de modo mais seguro e pleno, com a razão iluminada pela fé viva, *a fé que opera pela caridade* (Mc 6, 3). Portar-se assim, realizando a Vontade de Deus, é ter boa vontade. Em algumas ocasiões isso pode exigir heroísmo, e

certamente se requer em todo o caso o heroísmo no cuidado das coisas pequenas de cada dia. Um heroísmo que Deus bendiz com a paz e a alegria do coração: *paz na terra aos homens de boa vontade* (Lc 2, 14); *os mandamentos do Senhor alegram o coração* (Sal 19 [18], 9).

O ideal cristão de cumprimento do dever não é o da pessoa cumpridora que desempenha estritamente suas obrigações de justiça. Um filho de Deus tem um conceito muito mais amplo e profundo do dever.

Considera que o próprio amor é o primeiro dever, o primeiro mandamento da Vontade divina. Por isso, procura cumprir por amor e com amor os deveres profissionais de justiça; mais ainda, excede-se nesses deveres, sem considerar, não obstante, que está exagerando no dever, porque Jesus Cristo entregou sua vida por nós. Por ser este amor – a caridade dos filhos de Deus – a

essência da santidade, compreende-se que São Josemaria ensine que ser santo se resume a cumprir o dever de cada momento.

O valor do esforço e da fadiga

«O trabalho em si não é uma pena, nem uma maldição ou um castigo: aqueles que falam assim não leram bem a Sagrada Escritura»^[7]. Deus criou o homem para que lavrasse e cuidasse da terra^[8], e somente depois do pecado lhe disse: *com o suor do teu rosto comerás o pão* (Gen 3, 19). A pena do pecado é a fadiga que acompanha o trabalho, não o trabalho em si mesmo, e a Sabedoria divina converteu essa pena em instrumento de redenção. Assumi-la é, para nós, parte integrante da obediência à Vontade de Deus. Obediência redentora, no cumprimento diário do dever.

Com mentalidade plenamente laical, exercitais esse espírito sacerdotal, ao

oferecer a Deus o trabalho, o descanso, a alegria e as contrariedades da jornada, o holocausto de vossos corpos rendidos pelo esforço do serviço constante. Tudo isso é hóstia viva, santa, agradável a Deus: este é o vosso culto racional (Rom 12, 1)^[9].

Um cristão não evita o sacrifício no trabalho, não se irrita perante o esforço, não deixa de cumprir seu dever por desânimo ou para não se cansar. Vê a cruz de Cristo nas dificuldades, e ela dá sentido redentor à sua tarefa, a cruz que «está pedindo uns ombros que carreguem com ela»^[10]. Por isso o fundador do Opus Dei dá um conselho de comprovada eficácia:

Antes de começares a trabalhar, põe sobre a tua mesa, ou junto aos utensílios do teu trabalho, um crucifixo. De quando em quando, lança-lhe um olhar... Quando chegar

a fadiga, hão de fugir-te os olhos para Jesus, e acharás nova força para prosseguires no teu empenho^[11].

Um filho de Deus também não se deixa abater por conta dos fracassos, nem deposita toda a sua esperança e complacência nos triunfos humanos. O valor redentor do seu trabalho não depende das vitórias terrenas, mas sim do cumprimento amoroso da Vontade de Deus. Não se esquece de que Jesus cumpre em Nazaré a Vontade divina trabalhando ativamente, mas que é na Cruz que consuma sua obediência, padecendo. O ápice do *não se faça a minha vontade, mas a Tua* (Lc 22, 42) não consiste em realizar tal ou qual projeto humano, mas sim em padecer até a morte, com um abandono absoluto em seu Pai Deus (cf. Lc 23, 46; Mt 27, 46). Por isso temos de compreender que, mais do que com aquilo que *fazemos* – ou seja, com nossos trabalhos e

iniciativas –, podemos corredimir com Cristo por aquilo que *padece*mos quando Deus permite que o jugo suave e a carga leve da Cruz (cf. Mt 11, 30) em nossa vida se faça mais patente.

São Josemaria nos ensina esta lição de santidade em que transparece a sua própria experiência: Mas não esqueçamos que estar com Jesus é, certamente, topar com a sua Cruz. Quando nos abandonamos nas mãos de Deus, é frequente que Ele nos permita saborear a dor, a solidão, as contradições, as calúnias, as difamações, os escárnios, por dentro e por fora: porque quer moldar-nos à sua imagem e semelhança, e tolera também que nos chamem loucos e que nos tomem por néscios. É a hora de amar a mortificação passiva [...]

[12]

—.

E nesses tempos de purificação passiva, penosos, fortes, de lágrimas

doces e amargas que procuramos esconder, precisaremos meter-nos dentro de cada uma das Feridas Santíssimas: para nos purificarmos, para nos deliciarmos com o Sangue redentor, para nos fortalecemos. Faremos como as pombas que, no dizer da Escritura, se abrigam nas fendas das rochas durante a tempestade (cf. Cant 2, 14). Ocultamo-nos nesse refúgio para achar a intimidade de Cristo: e vemos que o seu modo de conversar é afável e o seu rosto formoso (cf. Cant 2, 14)^[13].

A luz da Ressurreição

Depois de escrever que Jesus Cristo se fez *obediente até a morte, e morte de cruz* (Fil 2, 8), São Paulo prossegue: *E por isso Deus o exaltou* (Fil 2, 9). A exaltação do Senhor, a sua Ressurreição e Ascensão ao Céu, *onde está sentado à direita de Deus* (1 Pe 3, 22; cf. Mt 26, 64; Heb 1, 13; 10,

12), são inseparáveis da sua obediência na Cruz e lançam, junto com esta, uma intensa luz sobre o trabalho de Jesus em Nazaré e sobre a nossa tarefa diária.

A vida de Jesus em Nazaré é humana e divina, e não apenas humana: vida do Filho de Deus feito homem. Ainda que só depois da Ressurreição será vida imortal e gloriosa, já na Transfiguração manifestará por um momento uma glória oculta durante os anos na oficina de José. Aquele a quem vemos trabalhar como carpinteiro, cumprindo seu dever com suor e fadiga é o Filho de Deus feito homem, *cheio de graça e de verdade*, que vive na sua Humanidade Santíssima uma vida nova, sobrenatural: a vida segundo o Espírito Santo. Aquele que vemos se submeter às exigências do trabalho e obedecer a quem tem autoridade, na família e na sociedade, para obedecer assim à Vontade divina, é o

que vemos ascender aos Céus com poder e majestade, como Rei e Senhor do Universo. A sua Ressurreição e a sua Ascensão aos céus nos permitem contemplar que o trabalho, a obediência e as fadigas de Nazaré são um sacrifício custoso, mas nunca obscuro ou triste, mas luminoso e triunfante, como uma nova criação.

Assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos para a glória do Pai, assim também nós caminemos numa vida nova (Rom 6, 4). Também nós podemos viver no meio da rua endeusados, pendentes de Jesus o dia todo^[14], porque Deus, *ainda que estivéssemos de fato mortos pelo pecado, deu-nos vida em Cristo – é por graça que haveis sido salvos –, e com Ele nos ressuscitou e nos fez sentar nos céus por Cristo Jesus* (Ef 2, 5-6). Deus exaltou a Humanidade Santíssima de Jesus Cristo por sua obediência, para que nós vivamos

essa vida nova, guiada pelo Amor de Deus, morrendo ao amor próprio desordenado. *Assim, pois, se haveis ressuscitado com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Saboreai as coisas de cima, não as da terra. Pois haveis morrido, e vossa vida está escondida com Cristo em Deus* (Col 3, 1-3).

Se no trabalho cumprimos nossos deveres por amor e com amor à Vontade divina, custe o que custar, Deus nos exalta com Cristo. Não só ao final dos tempos: já agora nos concede um penhor da glória pelo dom do Espírito Santo (cf. 2 Cor 1, 22; 5, 5; Ef 1, 14). Graças ao Paráclito, nosso trabalho se converte em algo santo, nós mesmos somos santificados, e o mundo começa a ser renovado.

E, graças à luz que, emanando da Ressurreição do mesmo Cristo,

penetra dentro de nós, descobrimos sempre no trabalho um *vislumbre* da vida nova, do *novo bem*, um como que anúncio dos *céus novos e da nova terra* (2 Pe 3, 13; At 21, 1), os quais são participados pelo homem e pelo mundo. [...] Patenteia-se nesta cruz, no que nela há de penoso, um bem novo, o qual tem o seu princípio no mesmo trabalho^[15].

Com a obediência da cruz e a alegria da Ressurreição – a nova vida sobrenatural –, no cumprimento amoroso da Vontade de Deus no trabalho, há de estar presente o senhorio da Ascensão. Recebemos o mundo por herança, para plasmar em todas as realidades temporais o querer de Deus. *Todas as coisas são vossas, vós sois de Cristo, e Cristo de Deus* (1 Cor 3, 22-23).

Essa é a fibra do amor redentor de um filho de Deus, o tom inconfundível de seu trabalho.

Ocupa-te dos teus deveres profissionais por Amor; leva a cabo todas as coisas por Amor, insisto, e verificarás – precisamente porque amas, ainda que saboreies a amargura da incompreensão, da injustiça, do desagrado e até do próprio fracasso humano – as maravilhas que o teu trabalho produz. Frutos saborosos, sementes de eternidade!^[16]

«Em união com o sacrifício da Missa»

O sacrifício da Cruz, a Ressurreição e a Ascensão do Senhor aos Céus constituem a unidade do Mistério Pascal, passagem da vida temporal à eterna. O trabalho de Cristo em Nazaré é redentor e santificador pela unidade com esse mistério.

Essa realidade se reflete na vida dos filhos de Deus graças à Santa Missa, que «não só faz presente o mistério da paixão e morte do Salvador, mas

também o mistério da ressurreição»^[17]. «Este sacrifício é tão decisivo para a salvação do gênero humano que Jesus Cristo o realizou e só voltou ao Pai depois de nos ter deixado o meio para participar dele, como se estivéssemos estado presentes»^[18].

Graças à Missa, podemos fazer que nosso trabalho esteja impregnado de obediência até à morte, pela nova vida da Ressurreição e pelo domínio que temos sobre todas as coisas através de sua Ascensão como Senhor dos Céus e da terra. Não somente oferecemos nosso trabalho na Missa, como também podemos converter o nosso trabalho em Missa.

Todas as obras dos homens se fazem como em um altar, e cada um de vós, nessa união de almas contemplativas que é vossa jornada, diz de algum modo a sua missa, que dura vinte e quatro horas, na espera da missa

seguinte, que durará outras vinte e quatro horas, e assim até o fim de nossa vida^[19].

Assim somos em nosso trabalho
«outros Cristos, o próprio Cristo»^[20].

.....

^[1] Josemaria Escrivá, *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá*, n. 55.

^[2] Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 14.

^[3] Josemaria Escrivá, *Caminho*, n. 186.

^[4] *Idem*, **n. 815**.

^[5] Cf. Josemaria Escrivá, *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá*, n. 60.

^[6] Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 302.

[7] Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 47.

[8] Cf. Gen 2, 15.

[9] São Josemaria Escrivá, *Carta*, 6.5.1945, n. 27.

[10] Josemaria Escrivá, *Caminho*, n. 277.

[11] Josemaria Escrivá, *Via Sacra*, 5^a edição, Quadrante, São Paulo, 2003, XI estação, ponto 5.

[12] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 301

[13] *Idem*, n. 302.

[14] Cf. Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 8.

[15] São João Paulo II, *Laborem exercens*, n. 27.

[16] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n. 68.

[17] São João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, 17.4.2003, n. 14.

[18] *Idem*, n. 11.

[19] *Notas de uma meditação*, 19.3.1968, citado em Mons. Javier Echevarría, *Carta Pastoral*, 1.11.2009.

[20] Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 106.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/article/cruz-e-
ressurreicao-no-trabalho/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/cruz-e-ressurreicao-no-trabalho/) (05/08/2025)